

**“CACETE DE AGULHA”:
MASSIFICAÇÃO E TOTALITARISMO NA EXPERIÊNCIA DA PANDEMIA DO COVID-19**

Rodolfo Victor Cancio Evangelista
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Eduardo José Marandola Júnior
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

RESUMO

O enfoque dessa reflexão se desvela no questionar sobre a experiência, tendo como horizonte as manifestações totalitárias e de sociedade de massa na crise do Coronavírus. A trajetória dessa indagação apresenta primeiramente considerações sobre o processo de massificação da sociedade, que mostra no século XX, em um contexto de guerras e progresso científico, suas expressões mais radicais em fusão com o totalitarismo. As transformações sociais que marcam o desenvolvimento dos estados modernos se revelam importantes para nosso caminho, uma vez que, a relação entre totalitarismo e sociedades de massa possui um caráter histórico marcante. Posteriormente a apresentação dos conceitos de nossa pergunta, tomaremos o comportamento de se reunir em grupo como direcionamento para o questionar sobre nosso momento atual, a situação da pandemia do Coronavírus.

Palavras-chave: Ciência. Modernidade. Fenomenologia.

**"FUCK NEEDLE"
MASSIFICATION AND TOTALITARIANISM IN THE COVID-19
PANDEMIC EXPERIENCE**

ABSTRACT

The focus of this reflection unveils itself in the questioning about the experience, having as its horizon the totalitarian and mass society manifestations in the Coronavirus crisis. The trajectory of this inquiry firstly presents considerations about the process of massification of society, which shows in the 20th century, in a context of wars and scientific progress, its most radical expressions in fusion with totalitarianism. The social transformations that mark the development of modern states are important to our path, since the relation between totalitarianism and mass societies has an outstanding historical character. After the presentation of the concepts of our question, we will take the behavior of meeting in groups as a direction for the questioning about our current moment, the situation of the Coronavirus pandemic.

Keywords: Science. Modernity. Phenomenology.

Recebido em: 26/09/2022
Aceito em: 09/11/2022

INTRODUÇÃO

Em 2021 nos encaminhávamos para o final do segundo ano de uma pandemia que, entre surpresas ou previsibilidades, nos revelou uma vivência nova que não havia se apresentado pelo menos nos últimos 100 anos. A intensidade de tal pandemia e suas repercussões na experiência contemporânea ainda estão por ser pensadas e compreendidas, em especial nos efeitos existenciais e nas repercussões nos modos de ser-e-estar-no-mundo.

Como experiência-limite, mas cuja extensão se prolonga em uma duração ainda incerta, meditar suas consequências e repercussões é tarefa de um demorar-se. Este texto se inscreve neste registro, tomando o questionamento pela experiência da crise do Coronavírus a partir das manifestações do totalitarismo e da massificação, perguntando-se pelos modos de ser coletivos em sua manifestação a partir da pandemia.

Enquanto preparação da pergunta, algumas bases que estão presentes na própria forma de se pensar as sociedades de massa, o totalitarismo e a experiência ocidental contemporânea, devem tomar lugar no horizonte de nossa proposta. Posteriormente à apresentação dos conceitos de nossa pergunta, tomaremos o reunir-se em grupo como direcionamento para o questionar sobre nosso momento atual. Deste modo, o ser-coletivo pode ser compreendido como uma marca do humano, pois revela a essência de uma sociedade, seja ela uma comunidade rural ou até as megalópoles de concreto armado.

Todavia, esse modo de ser com os outros descobre possibilidades para movimentos que vão além da materialidade dos corpos reunidos, abrindo portas para episódios jamais esquecidos. Nesse sentido, realizaremos primeiramente uma revisitação histórica da temática, para, assim, colocarmos em questão suas manifestações em nossa experiência atual, que se apresentam em um mundo de avanços tecnológicos e crises humanas.

1. A MASSA QUE ENGOLE

No meio da multidão, abraçados por sua demasiada segurança, nos sentimos confortáveis enquanto nos transformamos em parte de uma única coisa. As massas são expressões homogêneas de partículas que, ao se misturarem, perdem toda sua particularidade. A massa se apresenta enquanto

uma multidão guiada por seus símbolos e ideologia, caminhando sob a luz de uma única verdade, que não se confunde com o diferente. Por outro lado, os grupos que não apresentam o caráter de massa, possuem como conexão entre os membros, algo que por si só inviabiliza a aglomeração de um grande número de pessoas (ORTEGA y GASSET, 2016).

Podemos pensar então que, para a formação desses grupos, é necessário que haja, pelo menos em parte, uma separação do todo. Um grupo ao se descolar da multidão revela algo discordante, diferente, contrário aos demais. Remete, portanto, a uma particularidade que não encontra no geral sua similitude.

As massas, no que lhes diz respeito, não se expressam a partir de diferenças, muito menos há espaço para o particular. Nesse movimento de homogeneização o diferente não tem lugar, não há embates, confrontos ou dúvidas, pois todos se apresentam em uma uniformidade incontestável. Destarte, “a massa atropela tudo que é diferente, egrégio, individual, qualificado e seletivo. Quem não seja como todo o mundo, quem não pense como todo o mundo, corre o risco de ser eliminado” (ORTEGA y GASSET, 2016, p. 68).

Essa multidão que engole cada um de nós em um processo digestivo que elimina as particularidades, não pode ser entendida como algo estático, pronto e acabado. A massa se encontra em movimento, e para sua manutenção é necessário que seja fluída, apresentando forte viscosidade. Nesse sentido, a massa não se limita a uma forma apenas, mesmo em termos da sua dinamicidade plástica.

Podemos entender, segundo Canetti (2019), a massa aberta como a massa natural, ou seja, aquela em que nada se opõe ao seu crescimento. Esta não reconhece fronteiras e está em todas as direções. Seu crescimento é sua própria condição para existir. Deste modo, seu surgimento abrupto se correlaciona com seu rápido declínio quando seu crescimento é interrompido.

Em contrapartida, a massa fechada não pretende alcançar o universal. Em razão de sua durabilidade, essa recusa ao crescimento desgovernado. O acesso até ela é limitado e não se estende a todos. Deste modo, o “que nela salta aos olhos é, em primeiro lugar, sua *fronteira*. A massa fechada se fixa. Ela cria um lugar para si na medida em que se limita; o espaço que vai preencher foi-lhe destinado” (CANETTI, 2019, p. 14).

A massa pode estar assegurada em seu crescimento ou em sua durabilidade. Mas, o caráter

de uniformidade expresso na multidão de um só rosto, está presente em ambas as formas. Nesse sentido, o surgimento dessas massas enquanto estados organizados deixa uma grande marca no século XX.

Para investigar o mundo em que as sociedades de massa tomaram forma em estados totalitários, é necessário que voltemos nossos olhos para a Modernidade. Durante os séculos XVIII e XIX, a Europa passava por uma industrialização abrupta. As cidades se enchiam de pessoas, na maioria antigos camponeses que agora tinham seu lugar de trabalho nas fábricas (ARRUDA, 1974). As cidades se transformavam em grandes centros urbanos, nos quais, além das invenções, como a máquina a vapor, era possível vislumbrar uma sociedade europeia organizada a partir do pensamento moderno.

As Ciências Modernas, ao se separarem de uma metafísica enraizada na Idade Média, possibilitaram um conhecimento verdadeiro, segundo seus próprios preceitos, capaz de ser comprovado através de métodos exatos. Deste modo, os fundamentos das ciências naturais se apresentavam enquanto base para qualquer conhecimento que desejasse alcançar o status de uma ciência particular (DILTNEY, 2010). O desenvolvimento das ciências enquanto conhecimento explicativo e mecânico, baseado nos fundamentos naturais, se correlaciona ao progresso da industrialização, uma vez que essa era potencializada através da instrumentalização. O sucesso da Modernidade mostrava uma sociedade europeia tão bem organizada, que essa deveria ser modelo a ser seguido pelas colônias, que sempre estiveram atrasadas.

A Europa encontrava no século XIX seu ápice. Exibia ao mundo, a partir de suas construções e inventos, a potência do homem moderno. Assevera sua própria ciência como verdade e sua organização como diretriz. Deste modo, nada se colocava ao lado de suas verdades e fundamentos. Essa sociedade civil organizada do século XIX, nos moldes hegelianos de uma sociedade burguesa (WOOD, 1990) não esperava talvez o futuro tão sombrio que levaria o abalo dos alicerces dessa sociedade.

O século XX traz duas grandes guerras que transformaram a história do ocidente, sendo que o desfecho dessas batalhas abre caminho para futuros confrontos. As diferenças que marcam a Primeira e a Segunda Guerra Mundial revelam mudanças fundamentais de uma sociedade europeia até então em pleno progresso. Destarte, entre os anos de 1914 e 1918, a “Primeira Guerra Mundial

pôs fim à *belle époque*, nome dado aos primeiros anos do século XX, que teriam sido felizes e despreocupados” (ARARIPE, 2006, p. 319).

Após uma guerra devastadora em que tropas eram destroçadas por balas de canhão em extensivas batalhas onde os avanços mais rápidos eram através da cavalaria, o fim da primeira grande guerra apresenta aos perdedores uma época de crise. O desemprego e a instabilidade econômica acompanhada de uma grande inflação são características desse contexto, no qual emerge o totalitarismo como forma de política. Nesse modelo de estado, a massa está presente enquanto uma essência e alicerce. Apresenta-se em uma sistemática que dissolve o particular em razão do controle, se estendendo na esfera pública e na privada. A multidão, na qual não há distinção do outro, é a expressão desse regime onde o contrário, o diferente, não é admitido.

O adjetivo "totalitário" aparece pela primeira vez, a partir de 1923, nos escritos de antifascistas italianos seja de orientação liberal (Giovanni Amendola), seja de socialistas (Lelio Basso) ou católicos (Luigi Sturzo). Pretendia denunciar a política do fascismo italiano assim que chegasse ao poder, já em vias de se transformar em regime. Amendola chegou a falar de um "sistema totalitário", mas obviamente esta fórmula ainda não designava um novo tipo de domínio baseado no território, antes indicava uma versão moderna do absolutismo, na tentativa de construir mais um "Estado-Leviatã" do século XX. O termo mais usado pelos democratas para definir o fascismo era outro: "tirania" (TRAVERSO, 2002, p. 19, destaques no original¹).

O totalitarismo se revela em estados que foram atores principais nas duas grandes guerras. Sendo assim, podemos ressaltar o surgimento de três experiências históricas que se relacionam diretamente com a origem do totalitarismo enquanto conceito, quais sejam, o fascismo italiano, o nacional-socialismo alemão e o stalinismo russo.

Os estados totalitários em desenvolvimento no hiato entre as duas grandes guerras são marcados pelo ingresso das massas na vida política (TRAVERSO, 2002). Esses regimes que emergiram com o final da Primeira Guerra, na eclosão da Segunda Guerra já estavam bem estabelecidos no poder.

¹ Tradução livre do original: “L’aggettivo “totalitario” appare in un primo tempo, a partire dal 1923, negli scritti degli antifascisti italiani di orientamento sia liberale (Giovanni Amendola) sia socialista (Lelio Basso) o cattolico (Luigi Sturzo). Mirava a denunciare la politica del fascismo italiano appena salito al potere, già sulla via di trasformarsi in regime. Amendola parlava addirittura di un <<sistema totalitario>>, ma ovviamente questa formula non designava ancora un nuovo tipo di dominio fondato sul territorio, indicava piuttosto una versione moderna dell’assolutismo, il tentativo di edificare uno “Stato-Leviatano” del XX secolo. Il termine più usato dai democratici per definire il fascismo era un altro: ‘tirannide’.”

Como resultado da primeira guerra, a suposta “paz” trazida pelo tratado de Versalhes tinha causado tanto sofrimento para a nação alemã, assim no entendimento germânico, que possibilitou um sentimento de revolta contra um sistema vigente e o inimigo causador de todos os males da sociedade. Deste modo, o nacional-socialismo alemão que chegou ao poder por vias democráticas possuía como inimigos todos aqueles que não fossem arianos.

O emergente partido político alemão deixava às sombras algumas bases de sua própria ideologia. Porém, o filtro que impedia que o ideal de extermínio contra o inimigo viesse a público tinha sido rompido. O que era somente desejo se tornou factível. Desvelava-se assim o que estava submerso há tempos em meio à nebulosidade do discurso e do idealismo. Sendo assim, foi “com a eclosão da guerra, em 1º de setembro de 1939, que o regime nazista tornou-se abertamente totalitário e abertamente criminoso” (ARENDDT, 2013, p. 82).

O crescimento do totalitarismo apresentava uma nova possibilidade de organização política do estado moderno. Porém, ironicamente, essa nova forma de organização da vida social, que pretendia alcançar o controle máximo da vida pública e privada, colocava em xeque os próprios fundamentos do estado moderno. Nesse sentido, o totalitarismo estava bem distante de um contrato social (ROUSSEAU, 1996) que, baseado nos princípios iluministas de igualdade e liberdade, propõe um estado garantidor da ordem social através de suas leis, das quais a partir de associações todos os cidadãos são formadores.

Nos estados totalitários do século XX, o desejo da maioria manifesto nas massas, evidenciava um movimento inautêntico (no sentido da impropriedade), do qual não se encontrava o adjetivo próprio. A vontade geral nesse caso não se sustentava em acordos, nos quais diferentes partes entravam em negociação. Ela era apenas a voz da massa, ecoando sem nome, rosto e autenticidade.

Quando Hannah Arendt, em seu livro “Origens do Totalitarismo”, discute a formação das massas em um contexto pós-primeira Guerra, algumas questões se desvelam como basilares. Enquanto o século XIX apresentava uma sociedade europeia organizada, onde as classes sociais eram bem definidas através de seus limites, o crescimento dos movimentos totalitários acontece em um cenário de recessão e desemprego. Assim a visão da maioria sobre a classe burguesa dominante ganha uma dose em dobro de revolta. Nesse sentido, “os movimentos totalitários podem, com justiça, afirmar terem sido os primeiros partidos realmente antiburgueses” (ARENDDT, 1989, p. 363).

O domínio da burguesia sobre uma sociedade de classes que apresenta no século XIX a organização da sociedade europeia tem seu colapso justamente com a formação das massas, que não se limitavam a uma classe social. Segundo Arendt (1989), o colapso do sistema de classes significou a decadência do sistema partidário, visto que as disputas políticas se apresentavam em razão dos interesses de determinadas classes. Destarte, as massas não tinham sua força limitada às classes sociais. Essas podiam estar por detrás das dialéticas sociais.

Nesse contexto em que uma sociedade europeia se distanciava de seu objetivo de organização pautada no progresso científico, eram emergentes em diferentes partes do continente europeu movimentos totalitários que se diferenciavam “dos outros partidos e movimentos pela exigência de lealdade total, irrestrita, incondicional e inalterável de cada membro individual” (ARENDDT, 1989, p. 373).

Enquanto as massas não possuíam limites de classes, sua formação poderia ser ampliada atraindo diferentes indivíduos dispostos a seguir uma determinada conduta. No caso dos movimentos totalitários, as massas eram um dos alicerces desses movimentos, pois mostravam todo o apoio necessário ao grupo político que representava a verdadeira e única orientação a ser seguida. As sociedades de massas possuíam uma correlação com governos totalitários fundamentada em uma uniformidade. Não havia discordância entre os ideais políticos dos governos totalitários e os comportamentos das massas. O funcionamento era pleno e correto, pois não havia lugar para a dúvida e nem para o erro.

A principal característica do homem da massa não é a brutalidade nem a rudeza, mas o seu isolamento e a sua falta de relações sociais normais. Vindas da sociedade do Estado-nação, que era dominada por classes cujas fissuras haviam sido cimentadas pelo sentimento nacionalista, essas massas, no primeiro desamparo da sua existência, tenderam para um nacionalismo especialmente violento, que os líderes aceitavam por motivos puramente demagógicos, contra os seus próprios instintos e finalidades (ARENDDT, 1989, p. 366-367).

A partir da radicalidade da vontade geral que expressa o desejo da maioria como direção, as leis formadas nos estados totalitários que pretendiam o controle da vida pública e privada, apresentavam os limites para um direito moderno. A partir de uma interpretação do juspositivismo enquanto corrente filosófica fundamentada na literalidade da norma estabelecida, na qual se considera a letra fria da lei e descarta aprofundamentos de debates éticos e humanitários, a análise dos “crimes” cometidos de forma legal nos estados totalitários responsabilizam tradicionalmente o direito

positivista como estrutura para tais atos (AMADO, 1991). Esse argumento se correlaciona com uma emergência do jusnaturalismo pós-guerra.

A história por detrás da formação das massas no contexto pré-guerra apresenta um mundo de transformações tecnológicas e progresso científico que contrastava em simultâneo, com um crescente desemprego e recessões. A Segunda Guerra Mundial é marcada como campo de batalha entre potências totalitárias, que cada qual à sua maneira, tinha como objetivo estender o território controlado por seu regime. No segundo grande conflito mundial, esses governos totalitários através de relações polêmicas historicamente, se reuniram em dois blocos rivais, dos quais apenas a União Soviética como representante dos estados totalitários, ao se aliar a Grã-Bretanha e aos EUA, saiu como vencedora.

A crítica em relação ao totalitarismo está guardada naqueles que não subiram ao pódio, ou que desceram dele uma guerra gelada depois. Faz-se necessário ressaltar que, a democracia ocidental pós-guerra baseada em um modelo social econômico norte americano difere muito do totalitarismo presente na primeira parte do século XX. Porém, existe ainda uma sombra que tudo pretende controlar?

2. PEQUENOS COMBATES, POUCAS MUDANÇAS

O pós-guerra é marcado por uma destruição tão grande da Europa que seus próprios alicerces tinham sido abalados. As grandes construções da Modernidade, como o próprio homem, tinham sido reduzidas a estilhaços e escombros através de um do sucesso científico evidenciado em um objeto atômico. Diante dos destroços não foi possível ter tempo nem mesmo para as lágrimas. As transformações pós-guerra revelam o início de uma nova guerra às sombras. Apesar de grandes ameaças, no território dos atores principais nenhuma bomba foi jogada. Os campos de batalha estavam em outros lugares, em que o confronto se evidenciava na consolidação de uma só ideologia como organização social.

A II Guerra Mundial, muito mais do que a I, alterou profundamente a correlação de forças no mundo. Após seis anos de guerra, alguns países ficaram empobrecidos, politicamente desorganizados e com graves problemas sociais, enquanto os vencedores tiveram aumentados o seu poder e sua ambição. Tanto a I como a II Guerra Mundial contribuíram para diminuir

“CACETE DE AGULHA” MASSIFICAÇÃO E TOTALITARISMO NA EXPERIÊNCIA DA PANDEMIA DO COVID-19

EVANGELISTA, R.V.C.; MARANDOLA JÚNIOR, E.J.

CONFLUÊNCIAS | ISSN: 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558 | Niterói/RJ

v.24, n.3 agosto/dez de 2022 | pp. 72-91

a importância econômica, social e política da Europa e para fortalecer os Estados Unidos e a União Soviética.

Essas duas superpotências emergiram das guerras como as forças mundiais em torno das quais, numa relação bipolar, giraria toda a política internacional (ARRUDA, 1978, p. 365).

A guerra da Coreia, a Guerra do Vietnam, as ditaduras militares na América Latina e as guerras civis na África são exemplos diretos de uma luta pela instauração de um determinado poder que possuía suas bases ideológicas muito bem definidas, marcado por um distanciamento radical de seu inimigo. Deste modo, a polarização entre uma democracia americana e o modelo socialista soviético deixam seus rastros em batalhas sangrentas, das quais, ao preço da hegemonia de um só modelo, não somente militares eram abatidos. A morte e tortura de civis é marcante nesse processo de consolidação de um modelo econômico-social hegemônico. Nessa corrida, em ambos os lados aconteceram crimes contra a humanidade, porém às vezes, em lugares não tão lembrados.

O fim da guerra fria revela o embate final das duas maiores potências vitoriosas da II guerra mundial. Porém, já no final da década de 80 a então grande potência União das Repúblicas Socialistas Soviéticas estava em seu máximo declínio, marcado por uma estagnação econômica. O grande império soviético desmoronava dando sinais diretos da segregação do seu aparelho produtivo. No caos do fim da URSS, em meio a uma economia nacional fragilizada, a corrida para a obtenção de materiais e mantimentos diante de uma escassez geral, potencializou a inflação e abriu espaço para uma atuação direta das máfias na posterior economia privatizada (RODRIGUES, 2006).

O fim da Guerra Fria apresenta então um modelo como caminho para uma economia globalizada, qual seja, o vencedor. Também se encerra qualquer vestígio de uma sociedade de massa sustentada por um governo totalitário enquanto uma potência mundial. Uma nova ordem econômica social deveria ser baseada na liberdade e pela democracia, mas antes de tudo, pela presença de um mercado aberto ao investimento privado.

Já no final dos anos 1970 existe uma tendência econômica já consolidada. Marcada pelas políticas do governo Reagan nos Estados Unidos, uma série de medidas visando o estreitamento das relações entre governo e mercado, evidenciava uma aliança do poder estatal americano aos bancos e empresas multinacionais estadunidenses (RODRIGUES, 2006). O afastamento de um estado de bem-social keynesiano, marcava uma nova regulamentação financeira. Nesse sentido, “estavam definidos os interesses de classe e a ideologia orientadores da reconstituição do poder estadunidense” (SOLDERA, 2020, p. 3).

“CACETE DE AGULHA” MASSIFICAÇÃO E TOTALITARISMO NA EXPERIÊNCIA DA PANDEMIA DO COVID-19

EVANGELISTA, R.V.C.; MARANDOLA JÚNIOR, E.J.

CONFLUÊNCIAS | ISSN: 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558 | Niterói/RJ

v.24, n.3 agosto/dez de 2022 | pp. 72-91

Enquanto análise dessa sistemática o termo neoliberalismo mesmo não tendo uma definição exata, aponta justamente para esse conjunto de decisões que buscavam através da redução da regulamentação estatal, uma potencialidade maior dos resultados das instituições financeiras e corporações. Segundo Brown (2019, p. 29), o termo neoliberalismo pode ser entendido mais comumente como referente. “a um conjunto de políticas que privatizam a propriedade e os serviços públicos, reduzem radicalmente o Estado social, amordaçam o trabalho, desregulam o capital e produzem um clima amigável de impostos e tarifas para investidores estrangeiros”.

Quando esse modelo de mercado aberto que potencializa a extensão de políticas financeiras através da desregulamentação estatal, é levado como referência para os outros países, abre-se um mercado nos países subdesenvolvidos. O “Consenso de Washington” revela um caso de convergência de política públicas transnacionais (HOLZIGER; KNILL, 2005) em que uma série de programas de privatizações do setor público e reformas institucionais são levadas a países com passado socialista e da América Latina. Tal projeto se deu em razão da expansão de um modelo político-econômico estabelecido e praticado nos países desenvolvidos.

O modelo econômico estabelecido desde Reagan e Thatcher reverbera suas influências até os dias atuais. De fato, com o final da Guerra Fria o mundo ocidental se encontra totalmente desacostumado aos velhos estados totalitários. Uma nova ordem marcada por livres mercados expõe uma economia globalizada, na qual o sujeito possui uma importância fundamental através da liberdade individual. Sendo assim, estados fortes e protetivos não são bem vistos. Apenas aqueles que são os autores desse novo modelo é que se dão ao luxo de uma densa regulamentação e um poder estatal extenso em seu próprio território.

A democracia moderna parece então ter encontrado seu lugar. Os livres mercados são a base para uma organização social baseada na liberdade, que se apresenta fundamental ao sujeito para a busca de sua própria identidade. Nesse sentido, a maioria não se radicaliza ao ponto de excluir os outros grupos minoritários, que possuem “na teoria” seus espaços de expressão. O modelo neoliberal encontra sua base tão solidificada que se apresenta como resposta para suas próprias crises econômicas (ANDRADE, 2019). Nesse sentido, qualquer movimento de mudança desse modelo parece estar inviabilizado por seu próprio sucesso. Porém, o crescimento de um discurso marcado pelo fundamentalismo cristão, a xenofobia e o ódio pode trazer a suspeita do ressurgimento de uma ideologia, como também de um desejo por uma sociedade purificada?

“CACETE DE AGULHA” MASSIFICAÇÃO E TOTALITARISMO NA EXPERIÊNCIA DA PANDEMIA DO COVID-19

EVANGELISTA, R.V.C.; MARANDOLA JÚNIOR, E.J.

CONFLUÊNCIAS | ISSN: 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558 | Niterói/RJ

v.24, n.3 agosto/dez de 2022 | pp. 72-91

O modelo de governabilidade que se organiza em razão da expansão do poder privado se estende até os dias atuais. No entanto, temos hoje um contexto muito diferente das décadas finais do milênio, em que um *Yuppie* carregando seu *Motorola DynaTAC* de quase um quilo andava pelas ruas de *Wall Street*. A democracia ocidental na atualidade se apresenta em um mundo em que a tecnologia cada vez mais expande sua presença e controle na experiência humana. As telas já não estão somente nas salas ou cinemas, carregamos em nossos bolsos uma somente para o uso pessoal. A tecnologia possibilita uma interação em que informação e conteúdo são compartilhados a todo momento, formando uma grande rede de dados.

Nesse mundo se encontra o sujeito ocidental contemporâneo que é marcado por uma busca incessante de identidade, a qual pode se apresentar nas mais diferentes formas, sendo manifesta no corpo, ideologias e comportamentos. Nesse sentido, um espaço de abertura para que diferentes grupos possam surgir e ocupar se revela fundamental. Sendo assim, nesses espaços de abertura estão também aqueles grupos que se aglomeram diante do entendimento que seus modelos de certezas e valores são a única verdade, e o que se apresenta em discordância está errado e merece ser extinto. Frequentemente podem estar às sombras, mas sempre há possibilidades para seu reaparecimento. Mas, será que alguma vez esses foram ausentes?

3. NOVOS MODOS

O sucesso de uma crescente extrema-direita no ocidente no século XXI pode ser explicado, segundo Lowy (2015), por alguns fatores. Significativamente, o processo de globalização neoliberalista se apresenta paralelo a uma forçada homogeneização cultural, reproduz em escala global pânico de identidade que se desvelam em buscas excessivas por algum tipo de raiz. Dessa maneira, dentre todos os sentimentos despertados há uma aproximação com traços chauvinistas de religião e nacionalistas, capazes de alimentar conflitos étnicos.

Não podemos afirmar que as sociedades de massa se dissolveram. Ainda é possível perceber fenômenos que expressam uma multidão homogênea agindo como se fosse apenas uma só coisa. A reivindicação precedente de governos totalitários por um retorno ou início de uma ordem, protestos antidemocráticos pedindo retorno de ditaduras militares, partidas de futebol e shows de *K-Pop* lotados manifestam cada um à sua forma possibilidades que se abrem quando há presença da multidão.

“CACETE DE AGULHA” MASSIFICAÇÃO E TOTALITARISMO NA EXPERIÊNCIA DA PANDEMIA DO COVID-19

EVANGELISTA, R.V.C.; MARANDOLA JÚNIOR, E.J.
CONFLUÊNCIAS | ISSN: 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558 | Niterói/RJ
v.24, n.3 agosto/dez de 2022 | pp. 72-91

A aglomeração desvela uma massa homogênea, preenchida por um grupo específico ou em seu ímpeto de crescimento (CANETTI, 2019), em que não há espaço para diferenças. No entanto, atrás desse grande amontoamento uniforme em que as singularidades são reduzidas, é possível encontrar unidades psicofísicas, corpos, vivências, particularidades e originalidades que revela cada um de nós. Nesse sentido, as massas apresentam alguma relação fundamental com a experiência humana?

Uma pista preciosa pode nos ter sido deixado por Heidegger quando escreve no quarto capítulo de “Ser e Tempo”, sobre o a-gente enquanto um modo de ser existencial que encontra sua referência no outro, refletindo a mesma forma que os demais.

Segundo o autor alemão, o a-gente enquanto existenciário e fenômeno originário, “pertence à constituição positiva do *Dasein*. Tem de sua parte ela mesma diversas possibilidades de concretização conforme ao *Dasein*. A penetração e a expressividade de seu domínio podem variar historicamente” (HEIDEGGER, 2012, p.371).

As massas talvez não se apresentem mais apenas em sua forma tradicional, marcadas por uma ideologia fechada e organizada por um estado totalitário. Talvez uma grande massa possa ter lugar quando se mistura diferentes tipos de massas. Essas não se misturam ao ponto de se tornarem algo homogêneo. Apenas grudam uma na outra, através de um sistema global que tem a capacidade de monetizar tudo aquilo que possa gerar lucro. Deste modo, o espaço de busca pela identidade apresenta uma rentabilidade muito interessante, uma vez que é apenas trocar a estampa do Che Guevara pelo “*I Love New York*” que vai na camiseta. Não é necessário trocar a fábrica.

No entanto, quando há uma crise de governabilidade e/ou uma crise financeira, esse campo aberto de ideologia e de identidades muda de frequência. Quando as necessidades de determinados grupos da sociedade não são supridas, uma forte tendência para emergência da figura inimiga se faz presente. Deste modo, toma-se como objetivo a recuperação não somente da economia, mas a retomada da sociedade como um todo. Essa conjuntura é solo fértil para que, através de valores fechados somados a uma determinada ideologia, tente se instaurar um novo poder.

Talvez a figura do totalitarismo esteja sempre à sombra da democracia, esperando apenas um deslize para que esse possa se reinventar e tomar o lugar mais alto. A grande massa dos dias de hoje parece estar bem mais confortável em um “Admirável Mundo Novo” do que em uma repressão

ao estilo “1984”. É certo que no espaço de uma crise há chance para o novo, uma vez que possibilidades são abertas para se reinventar. Mas, quantos mais abalos aguentará esse modelo hegemônico que se apresenta como resposta às suas próprias crises? Quanto tempo mais as massas estarão divertidas com brinquedos da tecnologia? Por mais sólida que pareça uma época, a história é cheia de mudanças.

4. RETORNO À PANDEMIA

Ao retomarmos a nossa indagação base sobre os movimentos massificadores e totalitários na experiência do Coronavírus, as discussões, em relação ao totalitarismo feitas por Arendt (1989), sobre as massas realizadas por Ortega y Gasset (2016), nos remetem a um contexto marcado pela história da Europa nos séculos XIX e XX.

No entanto, para avançarmos em nossa discussão não podemos cair no malgrado de tentar encontrar hoje em nossas vivências onde é que estão esses conceitos e assim rotularmos objetivamente suas novas faces. Através da proposta de uma investigação fenomenológica que tem no horizonte o retorno “às coisas mesmas” como proposto por Husserl (2019) e ampliado por Heidegger (2012), adentraremos por meio de um questionar, a nossa experiência de uma crise sanitária mundial.

No momento em que as primeiras notícias sobre um novo tipo de vírus começaram a chegar ainda no final de 2019, não esperávamos uma mudança em nosso modo de ser-e-estar-no-mundo tão abrupta. O que se apresentava como novidade sobre a forma de um vírus, e que ganhava a atenção de todos entre as telas de bolso através de notícias confusas, logo virou rotina em todas as partes do mundo. Aquilo que não conseguíamos nem pegar em nossas mãos nos impôs um novo modo de ser. A rua que apresenta a possibilidade de trabalho, de mobilidade e de diversão, de violência, se tornou, sobretudo, um risco a partir do perigo de estar “sendo” nela. O outro enquanto ameaça, deixou o limite do caráter do vilão, do malfeitor, e se abriu para todos. Mesmo aqueles que consideramos como família, ganharam a possibilidade de nos trazer o fim existencial através da transmissão de um vírus.

Cercado por muros, procurando encontrar o mundo como tínhamos antes, porém agora nos limites da casa, nossas possibilidades se transformaram. O quarto que antes era o lugar de descanso entre o chegar do trabalho e o levantar para a labuta, se transformou também em escritório. Mas

existia um problema base. A casa, como também a sociedade, não foi construída pensando em uma crise sanitária global. Logo, todos os problemas que já se apresentavam dentro de casa, no íntimo dos relacionamentos, e na rua, na expressão dos problemas públicos, além de não serem resolvidos, parecem ter sido potencializados.

A morte parecia ter inaugurado uma nova via muito mais rápida e aberta para todo tipo de público, que poderia ser ainda mais ampliada com uma não intervenção do poder público. Diferente dos estados totalitários, as medidas públicas que afetavam diretamente a experiência, reduzindo as liberdades individuais em razão do controle da disseminação do vírus, não se apresentavam em razão de um ideal político partidário. Por mais que interesses atravessassem as decisões sobre as medidas de proteção, o que estava em jogo, era a própria condição de continuar jogando.

Mas havia esperança. Para além das sórdidas ilusões de que um corpo com “histórico de atleta”, remédios sem eficácia e “negacionismo” poderia resistir ao vírus, a confiança no desenvolvimento de uma vacina era a luz no fim do túnel. A esperança do mundo estava em um sistema global capaz de fornecer vacina a todos. Mais uma vez, a Ciência era a chave para resolver o problema. No entanto, apesar da aceleração e da ansiedade de nosso mundo contemporâneo, a agulha que atravessaria nossa pele trazendo a vacina ainda levaria um tempo.

Se pensarmos no que envolve a possibilidade de tomar a vacina, nunca conseguiremos abarcar o todo dessa questão. Todavia, alguns questionamentos se fazem presentes. Podemos reduzir os investimentos dos laboratórios multinacionais, os interesses do mercado financeiro, as negociações governamentais, a disputa de patentes, o aumento de mortes, o avanço da microbiologia, ao mérito da Ciência enquanto responsável por possibilitar a vacina? É possível pensar que se alcançou uma dimensão de saúde coletiva, forçando o sentido do coletivo para além do individual, na direção de outro sentido necessário de massa?

É premente considerar que houve justamente a resistência a esta necessidade de massificação, tendo se apresentado de diferentes formas, inclusive por parte de representantes do governo e de determinadas classes sociais, enquanto uma indiferenciação na adoção de medidas. Algo que também se desvelou religiosamente, no sentido de que a adoção das medidas sanitárias poderia simbolizar a negação da fé, representando a incapacidade de Deus de proteger do mal. Mais curioso é que as atitudes totalitárias, no discurso, foram identificadas com o *lockdown*, com o fechamento do

comércio, com as restrições à mobilidade. Seria uma inversão? A atitude totalitária estava onde? Na negação do coletivo de uma massificação solidária?

Os vestígios de totalitarismo e de sociedade de massas apresentam uma nova forma. Em um momento de necessidade de isolamento, as liberdades individuais, que tanto contrastavam com medidas totalitárias, ganharam o caráter de omissão, de um descuido doloso. A presença em uma festa, o andar sem máscara, que antes não tinham um significado coletivo, possibilitou a repulsa daqueles que entendiam que o isolamento era o único caminho enquanto a vacina não chegava. Destarte, a globalização que por muitas lentes era a fonte de tantos males da sociedade, se apresenta como a base para que uma vacina fosse produzida por um laboratório de outro continente e chegasse em pouco tempo em cidades interioranas de países tropicais. Dessa forma, junto com a necessidade de um agir coletivo (BATISTA, 2020), emerge à experiência de uma crise sanitária deste porte, a possibilidade de enfrentamento a partir de uma sociedade massificada, em flerte com o totalitarismo.

5. “– QUEM NUNCA DOOU, PODE VIR DOAR... QUE NÃO DÓI NADA ”

Em um famoso vídeo da internet, um homem ao ser entrevistado sobre a razão pela qual ele está doando sangue, faz um discurso confuso tentando conscientizar os telespectadores acerca da importância da doação de sangue.

No entanto, a parte mais interessante da filmagem é a sequência em que o homem fala que “não dói nada”, como um convite e incentivo à doação, e em ato contínuo a agulha entra em seu braço. A dor inesperada o surpreende de tal modo que não consegue evitar a interjeição: “Cacete de agulha!”.

No início da vacinação para a COVID-19, foram veiculados muitos vídeos de pessoas temendo a “agulhada”, o que não deixa de ser um dos motivos para alguns resistirem à ideia de se vacinar. No entanto, tal resistência, não se resume ao temor psicanalítico que faz adultos evitarem uma vacina. O discurso vinculado institucionalmente que tem suas raízes nas decisões públicas que consideram mercado, governo e ciência, é compreendido por aqueles que recebem as mensagens que circulam pelas mídias, para proteger a própria vida e a dos outros. Quando se apresenta a experiência da agulha entrando na primeira camada da pele, é que se manifesta a busca por manter a continuação do existir. Porém, tomar a vacina que combateria a disseminação do vírus, se tornou uma questão.

“CACETE DE AGULHA” MASSIFICAÇÃO E TOTALITARISMO NA EXPERIÊNCIA DA PANDEMIA DO COVID-19

EVANGELISTA, R.V.C.; MARANDOLA JÚNIOR, E.J.

CONFLUÊNCIAS | ISSN: 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558 | Niterói/RJ

v.24, n.3 agosto/dez de 2022 | pp. 72-91

O medo da agulha não se limitou ao objeto pontiagudo. O pavor de estar recebendo um chip através da vacina, de se “transformar em jacaré”, manifestavam apenas algumas inquietações sobre esse líquido que deveria entrar em nossos corpos. O mundo técnico que possibilitou o compartilhamento de objetos e ideias ao redor do mundo em tempo real, também ofereceu ao sujeito moderno contemporâneo a capacidade de um suposto conhecimento que se estende a diferentes áreas do saber. Divergente das tradicionais metodologias científicas, ao invés da realização de verificações e testagens, o sujeito pode confrontar a própria Ciência e o poder público através de vídeos, *podcasts*, e conteúdos midiáticos que contenham a explicação por ele escolhida. Quando essa explicação sucede a decisão por não tomar uma vacina, por exemplo, se apresenta o peso dessas escolhas na experiência.

Algo que se revela no fundo dessa problemática não espera pelas decisões humanas e pelos embates do conhecimento. Por mais que tentamos contorná-la, no objetivo de retardar sua chegada, “a morte é algo que está iminente diante do homem, é algo que a própria vida conhece” (HEIDEGGER, 2009, p. 79²). Destarte, a crise do Coronavírus parece ter nos aproximado daquilo que é o limite de nossas próprias possibilidades.

O impacto de um discurso que coloca o progresso econômico acima da existência pode refletir um modo de relação com a finitude. A ideia de morte enquanto algo externo à vida, que está separado da própria existência, pode revelar uma interpretação generalizada da finitude em que não se consegue ultrapassar a objetividade do pensamento. A morte vulgarmente é vista como algo que está distante, que acontece somente nos outros e que não nos pertence. Manter encoberto nosso próprio destino, pode nos oferecer uma constante tranquilidade (HEIDEGGER, 2012).

No entanto, quando questionamos sobre a morte para além de uma explicação externa que possa através da Biologia demonstrar porque o funcionamento do organismo foi interrompido, podemos enxergar que a condição de interrogar sobre ela só é possível antes de sua presença. A finitude nos apresenta o encerramento de nossas possibilidades. Ao abandonarmos o mundo nossas possibilidades são esgotadas, e assim se apresenta no vácuo do estar “sendo”, a totalidade da existência.

Nesse sentido, no movimento existencial de se questionar sobre a morte, abrem-se caminhos

² Tradução livre do original: “*La muerte es algo que está inminentemente delante del hombre; es algo que la vida misma conoce.*”

para pensar esse momento que antecede a finitude, o qual chamamos popularmente de vida. Esse estar “sendo” enquanto nosso próprio modo de ser inacabado é onde se apresentam as possibilidades. Todavia, o final desse caminhar está no horizonte de todos os trajetos, estando ele descoberto ou não.

O Coronavírus talvez tenha sido tão impactante justamente por nos aproximar da coisa mais simples da vida, a morte. Diante dessa aproximação algumas possibilidades estavam colocadas justamente na condição de poder oferecer fôlego ao movimento existencial ao se evitar o encontro com o vírus. No entanto, esse escapar não passava apenas pelas decisões particulares e individuais. As decisões públicas possuíam um impacto direto na experiência, pois poderiam através do desprezo ou da preocupação, potencializar ou amenizar a propagação do vírus.

A esquiva do vírus é uma possibilidade, mas da finitude não.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando retornamos para a experiência, essa nos apresenta algumas formas de similitude com os conceitos que são a base para nossa pergunta. No entanto, se procuramos por verificações de igualdade entre o que historicamente foi pensado sobre essa temática, e como se expressam hoje as formas de totalitarismo e massificação, talvez possamos cair em um engano. Não é possível retomar o passado separando-o do presente, e vice-versa.

As manifestações totalitárias e massificadoras em nossa experiência atual apresentam logo de entrada um problema epistemológico. Pretendemos responder essa pergunta através de uma explicação que possa colocar fim ao próprio perguntar? De fato, nosso objetivo não é superar a pergunta. É nesse entre, que revela o modo que nós somos sendo, que abre possibilidade para refletir sobre o progresso científico que apresenta em nosso tempo a tecnologia enquanto base de um mundo em crise. Essa crise no modo de pensamento, que se apresenta em diferentes modos, como a crise ambiental (MARANDOLA JR., 2021), com o Coronavírus ganhou ainda mais amplitude. Talvez pelo fato de não podermos controlá-lo, assim como “achamos” que controlamos a natureza, tenha possibilitado uma grande ansiedade no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Juan A. Garcia. Nazismo, Derecho y Filosofía del Derecho. **Anuario de Filosofía del Derecho VII**, [s. l.], n. 8, p. 341-364, 1991.

ANDRADE, Daniel Pereira. Neoliberalismo: Crise econômica, crise de representatividade democrática e reforço de governamentalidade. **Novos estud.** CEBRAP, São Paulo, v. 38, n. 1. Apr. 2019. p. 109-135.

ARARIPE, Luiz de Alencar. Primeira Guerra Mundial. In: MAGNOLI, Demétrio (org.). **História das guerras**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 319-355.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. **História moderna e contemporânea**. 9. ed. São Paulo: Ática, 1978.

BATISTA, Gustavo; TAJRA, Fábio. Isolamento solidário em tempos de pandemia: diálogos entre a saúde e a hermenêutica filosófica. **Voluntas: Revista Internacional de Filosofia [Online]**, v.11 n.15. 2020. Santa Maria. p. 1-9.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Filosófica Politeia, 2019.

CANETTI, Elias. **Massa e Poder**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

DILTHEY, Wilhelm. **Introdução às ciências humanas**: tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Tradução de Fausto Castilho. Petrópolis: Vozes; Campinas: Editora Unicamp, 2012.

HEIDEGGER, M. **Tiempo e Historia**. Tradução de Jesús Adrián Escudero. Madrid: Editorial Trotta, 2009.

HOLZINGER, Katharina; KNILL, Christoph. Causes and conditions of cross-national policy convergence. **Journal of European Public Policy**, 12:5, p.775–796. 2005.

LOWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serv. Soc. Soc.** [online], n.124, pp.652-664. 2015.

“CACETE DE AGULHA” MASSIFICAÇÃO E TOTALITARISMO NA EXPERIÊNCIA DA PANDEMIA DO COVID-19

EVANGELISTA, R.V.C.; MARANDOLA JÚNIOR, E.J.

CONFLUÊNCIAS | ISSN: 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558 | Niterói/RJ

v.24, n.3 agosto/dez de 2022 | pp. 72-91

MARANDOLA JR. Eduardo. **Fenomenologia do ser-situado**: crônicas de um verão tropical urbano. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

ORTEGA Y GASSET. J. **A Rebelião das Massas**. Campinas: Vide Editorial, 2016.

SOLDERA, Ricardo. A Ordem Mundial do Pós-Guerra Fria: Os fundamentos do capitalismo contemporâneo. **X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica**, [s. l.], 2020.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

RODRIGUES, Robério Paulino. O colapso da URSS: um estudo das causas. (**Tese de Doutorado em História Econômica**) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

TRAVERSO, Enzo. **Il totalitarismo**: storia di un dibattito. Milano: Mondadori. 2002.

WOOD, Ellen Meiksins. The Uses and Abuses of Civil Society. **Socialist Register**, v. 26. Atlantic Highlands, NJ: Humanities Press, p. 60-84. 1990.

AUTOR

Rodolfo Victor Cancio Evangelista

Possui graduação em Psicologia pela PUC Minas - Poços de Caldas. Mestrando na pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas - UNICAMP/FCA. Possui interesse e pesquisa em Filosofia, Epistemologia da Psicologia e Ciências Humanas. Membro do grupo de pesquisa Folie - Laboratório Interdisciplinar Hermenêutica, Ambiente e Saúde da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

E-mail: rodolfovc13@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5787-9568>

Eduardo José Marandola Júnior

Possui graduação (Licenciatura e Bacharelado) em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (2002 e 2003) e Doutorado em Geografia pelo Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (2008), realizando a Livre Docência na Área do Núcleo Básico Geral Comum (Sociedade e Ambiente) (2016). Atualmente é Professor Associado II (MS 5.2) da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Unicamp (campus de Limeira), onde coordena o Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência (LAGERR), do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHS) e atua como Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (ICHSA). É professor também do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências (IG) da Unicamp. É editor da revista eletrônica Geograficidade, do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural (GHUM/UFF/CNPq), do qual é um dos coordenadores.

“CACETE DE AGULHA” MASSIFICAÇÃO E TOTALITARISMO NA EXPERIÊNCIA DA PANDEMIA DO COVID-19

EVANGELISTA, R.V.C.; MARANDOLA JÚNIOR, E.J.

CONFLUÊNCIAS | ISSN: 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558 | Niterói/RJ

v.24, n.3 agosto/dez de 2022 | pp. 72-91

Coordena o Nomear - Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Geografia (FCA/Unicamp) e é vice-líder do Grupo de Pesquisa Métodos Mistos e Análises Multiníveis (FCA/Unicamp). Tem trabalhado principalmente com perspectivas fenomenológicas, discutindo ontologia, epistemologia e literatura, em busca de abordagens teórico-metodológicas da interdisciplinaridade contemporânea. Interessa-se também pela interface dos estudos urbanos, ambientais e populacionais, em especial mobilidade urbana, riscos e vulnerabilidade e experiência nos processos de mudanças ambientais.

E-mail: eduardo.marandola@fca.unicamp.br

Orcid: 0000-0001-7209-7735